

Num espaço vazio, sem móveis ou decoração, uma jovem de estatura esbelta, com longas tranças roxas e uma beleza divina, fitava-o com olhos brilhantes e cheios de expectativa.— Uau! Meu filho mais querido e especial! Eu sou sua mãe, Pandora! Venha cá, deixa a mãe examinar você! — A jovem, que não aparentava mais que uns quinze anos, esticou os braços e avançou como um touro descontrolado, tentando abraçá-lo. Era a primeira vez que se encontravam, mas a garota agia como se já fossem íntimos. Com tantas aberturas no movimento, Su Mo podia pensar em cem maneiras de derrubá-la ali mesmo. Mas ele não era nenhum assassino, e a garota não era sua inimiga. Pandora, a lendária feiticeira que trouxe desgraça e esperança ao mundo, era a condutora do Grande Ritual das Trevas de Pandora, cerimônia que criava os Caçadores de Deuses. Em outras palavras, ela era a mãe de todos os Caçadores de Deuses desse mundo — então seu título de "mãe" não era exagero. Mas Su Mo não se rendeu ao entusiasmo exagerado dela. Em vez disso, esticou a mão e bloqueou seu avanço, pressionando a palma contra a testa da garota.— Se comporte! — ordenou ele.— Mas eu \*sou\* assim quando estou normal! — Pandora piscou os olhos, fingindo inocência.[...] Su Mo ficou sem resposta. Que tipo de comportamento era aquele? — Que criança fria! — ela continuou, drama puro na voz. — Eu até abri um canal especial pra te receber, e você nem me dá um abraço? Tsc... Tá bem, sem abraço, eu não levanto daqui mesmo! — Ela esfregou os olhos, fingindo chorar. A atuação dela era convincente, quase real. Mas Su Mo não caiu no teatro.— Pelo que eu vi, você está \*muito\* interessada em tocar no meu corpo, não é? — Sua voz era fria e afiada. Enquanto falava, dezenas de feitiços se teceram em sua palma. Ele não sentia hostilidade vindo dela, mas precaução nunca era demais. Ao ser desmascarada, Pandora travou por um instante. Quase tentou desviar do assunto, mas vendo que Su Mo estava sério, ergueu as mãos em rendição.— Não, não fique bravo! Eu juro que não tô tramando nada! Só tava curiosa pra saber como é o corpo de alguém de outro mundo! — Ela se ajoelhou de joelhos, numa pose de total submissão. — Eu \*sou\* sua mãe, e nunca faria mal ao meu próprio filho! Naquela posição, qualquer movimento de Su Mo a deixaria indefesa. Uma atitude tão ingênua que beirava a burrice. Mas também provava que Pandora \*realmente\* confiava nele. Su Mo, porém, não se convenceu totalmente.— Você disse que \*principalmente\* queria saber sobre meu corpo. E o motivo \*secundário\*? — insistiu.— Posso não responder? — ela desviou o olhar.— Não.— Aff, tá \*bom\*! — Pandora explodiu, vermelha. — É porque você é bonito, e eu queria te tocar! O que tem de mais?! Para surpresa de Su Mo, ela estava falando a verdade. [...]— Então até os deuses são superficiais? — ele murmurou, incrédulo.— E daí?! — Ela ergueu o queixo, desafiadora. — Uma mãe tem direito de querer carinho do filho! Su Mo finalmente entendeu por que os outros Caçadores de Deuses não gostavam dela. Aquela feiticeira tinha sérios problemas de personalidade. Ele já ia perguntar sobre o ritual de transformação quando a voz do deus da guerra, Verethragna, ecoou no espaço branco.— Um herói de outro mundo... Faz sentido que tenha me levado ao limite! Como deus da guerra, reconheço sua força! — Naquele mundo, existiam múltiplas dimensões paralelas. O que era segredo para humanos, era conhecimento comum entre deuses. Por isso, nem Verethragna nem Pandora se surpreenderam com a revelação.— O reconhecimento é bom, mas tenho uma pergunta — Su Mo ignorou o elogio. — Você está aqui por causa do Grande Ritual das Trevas, certo?— Correto. Como derrotado, é meu dever conceder meus poderes ao vencedor. É a honra de um guerreiro.— Não é isso. Quero saber: depois do ritual, pra \*onde\* você vai?### 023 — Rumo ao Reino da Imortalidade: O Grande Ritual Começa!— Após o ritual? — Verethragna respondeu sem hesitar. — Eu retorno ao mito!— Retornar... ao mito? — Su Mo repetiu, como se não tivesse entendido.— Sim, eu... Peraí... — O deus parou, como se algo estivesse errado. [Observação: O capítulo será concluído conforme o progresso da história.] No início, Veleslana achou que Sumo simplesmente não tinha entendido suas palavras, mas logo percebeu o verdadeiro significado por trás delas. Depois de sua derrota definitiva, seus poderes divinos já haviam se dissipado pelo mundo, e sua autoridade divina logo seria transferida para Sumo através do ritual negro de Pandora. No entendimento comum, tudo o que constituía a essência de um deus permanecia neste mundo. Então, perguntou ele a si mesmo, o que exatamente era esse ser que retornava aos mitos? Quem era, de fato, esse "eu" que ele considerava ser? Percebendo o silêncio de Veleslana, Sumo deduziu que ele havia chegado à mesma conclusão e continuou:— A consciência não pode existir sozinha. Mesmo sem uma estrutura física,

precisa ao menos de uma base espiritual. Lembra da pergunta que eu lhe fiz?— Você quer dizer "o que nos faz deuses"? — respondeu Veleslana, compreendendo imediatamente.— Exato — confirmou Sumo, com um aceno de cabeça. — Pelas observações atuais, no mundo mortal, os deuses rebeldes são seres de energia que existem com base no verdadeiro éter. Um deus rebelde que perde todos os seus poderes não pode mais se manifestar, e aquele que perde sua autoridade divina retorna aos mitos. Se o funcionamento dos poderes divinos é determinado pela autoridade divina, então o que determina a estrutura dessa autoridade?— Então você está dizendo que esse núcleo desconhecido seria o verdadeiro cerne de um deus? — Veleslana acompanhava o raciocínio de Sumo. Se a teoria dele estivesse certa, a estrutura completa de um deus seria como uma cebola, com várias camadas: A camada externa, os poderes divinos, seria a base material e energética, determinando se o deus poderia existir no mundo. A camada intermediária, a autoridade divina, seria a base conceitual, definindo a natureza do deus e o funcionamento de seus poderes. E o núcleo, uma estrutura ainda desconhecida, seria o verdadeiro cerne, determinando o conceito da autoridade divina e sustentando a consciência. Se fosse assim, o processo de descida de um deus rebelde seria como aquelas bonecas russas: primeiro, o núcleo se revestiria da autoridade divina, que então desceria para absorver os poderes divinos, permitindo a manifestação do deus em sua forma rebelde. O mecanismo de retorno aos mitos seria exatamente o inverso.— Exatamente — Sumo concordou. — Se dominarmos essa estrutura central, poderíamos fabricar autoridades divinas em massa. Mais do que simples habilidades, esse núcleo seria a verdadeira fonte de poder! O fato de os deuses rebeldes receberem uma nova autoridade a cada descida já mostrava que essa autoridade poderia ser produzida em série. Era algo óbvio, mas que a maioria nunca notara.— Se for como você diz, então essa estrutura central deve estar ligada aos mitos — ponderou Veleslana após alguns segundos. Tanto a autoridade divina quanto os poderes eram adicionados após a descida, enquanto o núcleo desconhecido vinha dos mitos e para lá retornava. Nesse momento, o tom de Veleslana mudou levemente, e ele soltou uma risada.— Quer investigar isso? Que tal dar uma passada no reino dos deuses? Já que vinha dos mitos, o reino imortal seria o lugar onde essa estrutura estaria em maior abundância. Sua sugestão era feita mais em tom de provocação. Mas, para sua surpresa, Sumo respondeu com naturalidade:— Se for necessário, vou dar uma olhada, sim. Veleslana ficou atônito.— Você esqueceu que está prestes a se tornar um Matador de Deuses? O inimigo mortal das divindades, um rei-demônio que as caça... e você quer entrar no reino dos deuses?— Era basicamente um convite para a morte, não?